

Ilmo Sr. Dr. Josélio Andrade Moura

MD Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária

Senhoras e Senhores:

Impossível não fugir do óbvio, no intróito deste agradecimento, ao afirmar da grande emoção que preside meus sentimentos, neste momento, ao receber esta homenagem que me confere a Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária. Por certo não existe um ser humano, dentro dos padrões da normalidade, que não se sinta massageado no seu coração, que não veja aflorar o seu orgulho, quando, por mercê de seus pares, vê o seu trabalho profissional reconhecido e, mais do que isso, distinguido com uma Comenda ambicionada, sem nenhuma dúvida, por aqueles que prezam e dignificam a profissão que abraçaram.

É mais sensível, ainda, a percepção da importância deste evento e do quanto ele provoca em meu coração, quando a outorga, no grau de Comendador, da Ordem do Mérito da Medicina Veterinária, é conferida simultaneamente a um velho e querido mestre, de quem tive a ventura de haurir suas competentes lições, o professor José Guilherme da Mota, da sempre lembrada Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia.

Sinto-me ainda mais feliz pelo reencontro com queridos companheiros e amigos, entre os quais destaco o presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária, Josélio Andrade Moura, de quem tenho a vaidade de incluir entre os mais diletos colegas da mesma turma da universidade baiana.

Se abstrair a possibilidade – verossímil, aliás, sem qualquer falsa modéstia – de que a homenagem seja fruto dessa antiga

amizade, vejo-me na contingência de analisar as razões de seu merecimento.

Creio-me, acima de tudo, um cidadão brasileiro. Nascido e educado na minha inesquecível Bahia, terra de eternas lembranças e guardiã de grande parcela da cultura pátria, não pude, contudo, resistir aos apelos que o governo federal formulava para que a Amazônia fosse ocupada por brasileiros, em ampla campanha que objetivava a sua integração - para que não viesse a ser entregue à cobiça internacional - acenando com o famoso slogan que oferecia uma "terra sem homens" para "homens sem terra".

Cheguei no Pará, chão prodigioso que me acolheu com extremada ternura, nos idos de 1971 e que transformei, ao longo desses 37 anos de convivência, em minha segunda terra. Proclamo, hoje, que tenho orgulho em me considerar baiano de nascimento e paraense de coração.

Todos os desafios que me foram propostos para enfrentar o inóspito na desconhecida Amazônia foram enfrentados e vencidos. Com certeza, o maior deles era procurar conhecê-la e interpreta-la corretamente, não apenas através de uma literatura insuficiente, mas, principalmente, pelo contato direto e diuturno com a floresta, seus encantos e mistérios e sua incrível diversidade. Evaristo Eduardo de Miranda, mestre e doutor em Ecologia, no prefácio de sua obra "Quando o Amazonas corria para o Pacífico" afirma que:

"Todos defendem a Amazônia. Cada um defende a "sua". Mas ainda se ignora a violenta história da presença humana na Amazônia antes da chegada dos portugueses. E permanece em fragmentos a história natural de sua riquíssima fauna e flora. Publicações e reportagens, pesquisas e estudos,

campanhas e movimentos quase sempre lutam por uma parcela da imensa realidade amazônica: floresta tropical, recursos minerais, territórios indígenas, fauna, populações ribeirinhas, água doce, parques nacionais, etc. O que seria mais urgente defender senão a própria Amazônia? Para defender qualquer coisa é necessário conhecer sua história. O olhar histórico determina o entendimento da situação atual e a busca de saídas sustentáveis."

Realmente, não se pode fazer nenhum juízo de valor sobre a Amazônia, sem estar presente no dia-a-dia de sua existência. Estudar a história de sua ocupação pelos colonizadores, remotos e recentes. Entender que ela, a Amazônia, não pode ser vista como uma área homogênea, que são várias as "amazônias" compreendidas no espaço geográfico que se convencionou rotular de Amazônia Legal. Descobrir que são várias as culturas existentes nesse espaço, como, também, são diversos, e às vezes até conflitantes, os interesses econômicos das unidades federativas que a compõem.

E, no entanto, mais do que nunca, a Amazônia reclama que a tratem com respeito. Que não fique subordinada às pressões alienígenas que, ao levantar bandeiras de um falso preservacionismo, o que defendem, de fato, é a preservação de seus interesses econômicos escusos e espúrios. A Amazônia ambiciona ser bem conhecida e corretamente definida para ser colocada na prioridade máxima dos empreendimentos nacionais.

Estou alinhado ao lado dos que defendem o desenvolvimento amazônico com a possibilidade, totalmente factível, de desmatamento "zero". Mas sem as políticas mirabolantes,

pirotécnicas, que, em nome do meio ambiente e da ecologia, investem indiscriminadamente contra o empresariado amazônico, sem procurar distinguir bons e maus, nivelando-os a todos como "predadores" e "criminosos". Sem que se mantenham as atitudes discricionárias de desrespeito aos direitos adquiridos, sobretudo o de propriedade.

A grande realidade é que, ao longo da história, os governos, sobretudo o poder central, ignoraram, estiveram ausentes e foram irresponsavelmente inoperantes em relação à Amazônia, criando ou permitindo que fossem criadas as situações que hoje se debatem por resolvê-las. O fenômeno migratório, por exemplo, em função das descobertas minerais e da implantação dos grandes projetos, não teve a ampará-lo as medidas adequadas do Governo Federal capazes de promover uma reforma agrária pertinente, bem como os indispensáveis investimentos em infra-estrutura, sobretudo em transportes, educação, saúde, segurança e, até mesmo, cidadania.

Nesse cenário, com oportunistas e aproveitadores políticos que anseiam a implantação do socialismo autoritário em nosso país, disseminaram-se os conflitos fundiários, com total desrespeito à propriedade privada produtiva. Os direitos humanos passaram a valer somente quando as vítimas não eram produtores rurais ou seus familiares.

A grande mídia, tanto nacional como estrangeira, passou a focar a Amazônia exclusivamente sob a ótica do desmatamento e das agressões ambientais. Estabeleceram-se, sob o enorme peso dessa pressão e sem a preocupação de adotar-se critérios técnicos e científicos, desconhecendo-se os anseios das populações locais, ao arrepio dos mais elementares princípios do Direito, normas restritivas e coercitivas que, na prática, tendem a inviabilizar novos

investimentos na Amazônia e condenam os já instalados a uma desesperada luta pela sobrevivência.

No entanto, a despeito de um quadro que se desenha com contornos pessimistas, sou dos que crêem com muita fé nos destinos da Amazônia. Porque acredito no poder das suas lideranças empresariais e políticas no sentido de unirem seus esforços para a reversão das tendências atuais. A Amazônia é muito maior do que os interesses dos que a desejam inerte, transformada em santuário ecológico ou almoxarifado do planeta. Temos a capacidade de aglutinar forças e mostrar ao mundo que, como guardiões desta imensa região, saberemos fazer o uso racional de suas riquezas, em benefício da própria Humanidade, que hoje se debate com a crise de produção de alimentos.

Perdoem-me, meus colegas, amigos e convidados a esta festa, por este desabafo. Mas admito que não poderia deixar passar uma oportunidade ímpar de apresentar a esta assembléia a minha visão sobre a problemática amazônica, alicerçada na vivência desses 37 anos de luta na Região, ciente de que ela é compartilhada pela expressiva maioria de meus companheiros de jornada, quer nos Sindicatos Patronais Rurais, quer na Federação da Agricultura e Pecuária do Pará, da qual tenho a honra de participar da sua Diretoria.

Não poderia encerrar sem uma menção especial, revestida de imensa gratidão e amor, à família que Deus me permitiu a ventura de constituir: minha querida Aline, esposa e companheira que, ao concluir a sua graduação, também na Universidade Federal da Bahia, aceitou partilhar comigo o desafio de sair de Salvador diretamente para uma fazenda no interior do Pará, no município de Paragominas, com todas as dificuldades impostas, à época, e juntos desbravarmos a Amazônia; e aos meus filhos, todos nascidos no Pará, Josaphat

Neto, Emanuela e Aline e o meu mais recente tesouro, identificado carinhosamente como o meu Príncipe Felipe, o primeiro neto de muitos certamente que virão. Com eles compartilho a emoção deste instante e os méritos desta outorga.

E aos senhores e senhoras o meu muito obrigado.